



diretor: Agostinho Frankim

Diário As Beiras reúne instituições de saúde para debater a sustentabilidade do SNS



Conferência "Desafios atuais para um SNS sustentável" juntou os presidentes das ULS de Coimbra e do Baixo Mondego, da Ordem dos Médicos do Centro, da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra e o diretor clínico do hospital CUF Coimbra > **Págs 6, 7 e 8**

DB-Pedro Filipe Ramos



texto **António Rosado**
fotografia **Pedro Filipe Ramos**

tema do dia / apresentação diretório de saúde '26

ULS fazem integração de serviços de saúde

“Desafios atuais para um SNS sustentável” foi o tema de debate que juntou, ao fim da tarde de ontem, cinco especialistas no f



Graciano Paulo (ESTeSC), Ana Raquel Santos (ULS Baixo Mondego), Dora Loureiro (moderadora DIÁRIO AS BEIRAS), Manuel Teixeira Veríssimo (Ordem dos Médicos), Ricardo Leão (CUF Coimbra)

Presidente da ULS Coimbra regista que preenchimento total de vagas prova que o SNS é uma carreira atrativa

“Não sou catastrofista e quero desmontar uma série de narrativas que os factos provam que não são verdade”, disse Francisco Maio Matos. O presidente da ULS de Coimbra afirmou que “não é verdade que o SNS não é atrativo para os profissionais de saúde”, provando-o com o preenchimento – pela 1.ª vez – de todas as vagas de emprego abertas recentemente para os cuidados de saúde primários da ULS de Coimbra.



A “inoperância” no SNS faz aumentar os custos, criticou o diretor clínico da CUF Coimbra

Ricardo Leão, diretor clínico da CUF Coimbra, identificou “uma coisa que não deixa de ser aterradora no SNS, é que não sabemos o que gastamos com a saúde”. O médico garantiu que “os hospitais da CUF tem um sistema único de informação do doente com partilha de todos os exames”, concluindo que “se isto não existe no SNS é por inoperância”. Denunciou que os gastos com a saúde cresceram 77% no SNS em 10 anos e só 23% no setor privado.





Íde mas falta avaliar a sua eficiência

Edifício AT Business Center, em Ançã, numa iniciativa do DIÁRIO AS BEIRAS a propósito do lançamento do Diretório de Saúde'26



Francisco Maio Matos (ULS Coimbra)

●●● Saber quanto custa cada utente ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) – para além da mera estatística do custo de doente por cama hospitalar – é um dado fundamental para avaliar a sustentabilidade do sistema público de saúde.

Esse foi um dos pontos de consenso entre os cinco convidados da conferência Saúde'26 que o DIÁRIO AS BEIRAS promoveu ontem à tarde a partir do auditório do Edifício AT Business Center, sede do jornal.

Sob o tema “Desafios atuais para um SNS sustentável”, o encontro juntou especialistas de vários setores da saúde, desde diretores hospitalares (públicos e privados), Ordem dos Médicos e ensino superior.

Sobre o funcionamento dos Unidades Locais de Saúde – com cerca de dois anos de implantação no país – todos os presentes reconheceram que é um modelo com virtualidades, embora ainda não tenha decorrido tempo de funcionamento su-

ficiente para fazer uma avaliação do sistema, de forma a corrigir procedimentos ineficientes.

Falta cumprir o modelo das Unidades Locais de Saúde

O próprio presidente da ULS de Coimbra, Francisco Maio Matos, reconheceu que a integração de serviços que este modelo preconiza “ainda não está completamente aplicada no terreno”, adiantando que vai ser assinada, na próxima semana, uma “Carta de Compromisso” entre a ULS e todos os municípios da sua área de cobertura, bem como com ULS que não estão integradas em centros académicos. Anunciou ainda a criação de um “centro colaborativo da OMS”, de integração para a saúde do doente ao longo do ciclo de vida.

Por outro lado, o diretor clínico do Hospital CUF Coimbra, Ricardo Leão, admitiu que o modelo das ULS pode ser bom, mas “gostava de saber como todo este investimento se vai refletir na melhoria dos cuidados

de saúde prestados ao doente”. O médico, que abandonou o setor público da saúde há quatro anos, acrescentou ter “dificuldade em perceber, para já, que ganhos de saúde há para a população”.

Ana Raquel Santos, presidente da ULS do Baixo Mondego, garantiu que há integração clínica na estrutura que dirige, dando o exemplo da “Plataforma Clínico-Social”, que é uma nova ferramenta digital de cuidados de saúde e apoio social de proximidade para utentes vulneráveis, fazendo a ponte com as ERPI (Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas).

Não é o doente que tem de andar atrás dos cuidados

O presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos, Teixeira Veríssimo, afirmou que a integração de serviços da ULS tem como objetivo servir o doente, e que não seja este “a andar atrás dos cuidados de saúde”. Nesta perspetiva, constatou que “umas

ULS, mais do que outras, têm feito este caminho”, considerando que “é necessário fazer uma avaliação do funcionamento e dos resultados, para saber que ganhos estamos a ter”.

O conceito de sustentabilidade do SNS, para Graciano Paulo, presidente da Escola Superior de Tecnologia da Saúde (ESTeSC), vai para além da mera gestão financeira, introduzindo no debate a questão dos recursos humanos. Na sua perspetiva, “a promiscuidade dos médicos entre o setor público e privado é que não pode continuar”. Afirmou ser “defensor da cooperação entre os setores público, privado e social, mas a lei tem de obrigar os novos médicos, que entram no sistema, a escolher um ou outro”. Quanto ao conceito de ULS, considerou que “já chegou tarde, é importante na perspetiva de integração dos cuidados de saúde, mas é necessário mais investimento”.

Médicos de família têm um papel importante na gestão do percurso clínico do doente, prevenindo a doença

●●● “O médico de família é o gestor do percurso clínico do doente e isso é importante até pela responsabilidade na prevenção da doença”, diagnosticou Manuel Teixeira Veríssimo, presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Médicos. Prevenir a doença permite um envelhecimento saudável e a manutenção dos idosos em casa, em vez de serem institucionalizados em lares. O médico admite que 50% das pessoas que estão em ERPI poderiam permanecer nas suas residências com apoio domiciliário.



“O SNS tem de evoluir em comunidade”, em parceria com as autarquias, afirma a diretora da ULS do Baixo Mondego

●●● “No atual momento a que o SNS chegou, não vale a pena pensar que agora devíamos mudar tudo”, constatou Ana Raquel Santos. Na sua perspetiva, “temos que fazer evoluir o SNS em comunidade, preparando-o para os desafios dos próximos 10/15 anos, e as autarquias têm que fazer parte da solução”. A gestora destaca que “temos de ter a noção de que não temos mais capacidade para ter os idosos em estruturas de saúde. Temos que lhes dar funcionalidade para permanecerem nas suas residências”.





tema do dia / apresentação diretório de saúde'26

"O SNS não pode pagar a fatura da desorganização de um país assimétrico", lamentou o presidente da ESTeSC

●●● Graciano Paulo, presidente da Escola Superior de Tecnologia da Saúde (ESTeSC), afirmou que "num país brutalmente assimétrico, não pode ser o SNS a pagar a fatura da desorganização".

O responsável identificou que "há várias infraestruturas de saúde concentradas na faixa litoral, enquanto o interior do país não tem resposta". Por isso é que se gastam 212 milhões de euros por ano em transporte de doentes não urgentes, "valor que duplicou em dez anos", concluindo que "temos de tirar estas ambulâncias das estradas".



O diretor do DIÁRIO AS BEIRAS apresentou o Diretório de Saúde'26